

Poesia

*Marcus Motta'*

### Coro das angústias em brasileira língua

Fiquemos aqui,  
Junto à margem deste rio.  
Esperemos aqui.  
Aqui,  
Aos pés do rio Tapajós.  
A passagem do jesuíta não demora.  
Por aqui passa em cada novembro.  
Passa a ler o sonho de profeta.  
Que perigo pode haver para nós?  
Pobres vozes dessa sensação. Pobres sons femininos!

Não somos familiares a ninguém.  
Só a ele.  
É isso que nos traz aqui,  
À beira d' águas deste altar.  
Não há perigo,  
Apenas proteção  
Palavras silenciosas.

O presságio é o que os nossos olhos invisíveis irão testemunhar.

Ele

Conduzirá ao longo do tempo,  
Até a língua ser pronunciada pela última boca.

Somos as testemunhas  
Nosso juízo é guardar fôlego  
Quando ele por aqui passar,  
Em qualquer novembro.

Desde que dourou o sol nos últimos instantes  
Dia no fim deste rio, os olhos do nosso jesuíta,  
Ainda estão à borda d'água.  
Esvaem-se em voz,  
Colhem as primeiras gotas da manhã.

A terra se muda a cada décimo-primeiro mês.  
Grande Catedral se faz em amarras trincadas de cipó.  
Colunas de longa e grossa madeira.  
Pontas agudas.  
Cada galho aponta para o horizonte  
(e o dedo, obriga-se a apontar o vazio azul  
sobre a cabeça de cada mortal).

Aqui a terra sua: angústias que retém dos séculos.  
O mundo novo o espera, uma segunda vez.  
Agora há de ser a escrita.  
Cada palavra um barco.  
Cada sentença uma bonança  
Ou tempestade.  
O novo mundo espera.  
A profecia requer intérprete.

Quem  
hoje estenderia as mãos sobre um papel, invocando cada profeta  
que se esconde atrás de nossas árvores e águas? Quem pode se  
sentir tão abusado?

Quem  
pode ter como mestre o próprio sonho?

Quem  
se sentirá reconfortado pelas línguas de fogo e renegará a própria  
sanidade?

Séculos se vão a novembros múltiplos,  
Séculos,  
ele passa por aqui.  
Sempre teimoso.

Não seria bom se deixasse de vir.  
Rege o sonho de profeta  
Cada gota de manhã destas terras.

Sofreríamos de abandono,  
Caso ele não viesse.  
Em geral, o escutamos o tempo todo.  
Não nos deixe em paz,  
Oh! Roupeta negra, puída e suja.

Prometemos, a mata está abichada.  
Os índios, ariscos e cautelosos, esperam por ti,  
No mundo das almas sem descanso,  
Você se inclina sobre as águas.  
Espelho único da imensidão acima.  
Tudo é entendido por aqui.

Tememos.  
Tememos o mundo, o não nosso.  
Nossa estação é apenas uma:  
Manhãs de novembro.  
A neblina acompanha o sol a acordar,  
A raiz e os brotos da idéia.  
Nada secará nestas terras.  
Jardins impróprios das sementes que caíram aqui.  
Só um jardineiro de idílicas vontades  
Pode reinar.

Ah!  
O destino que está na mão de Deus foi emprestado a estas águas,  
modelando informe futuro, enquanto aquela piroga carrega o nosso  
jesuíta.  
Essas coisas nós vemos nos detalhes do sol na copa e no espelho  
d'água.  
O destino caiu das mãos de Deus,  
molhou os papéis do nosso jesuíta, navegando aqui.

Vem venturoso novembro!  
Quem te observará somos nós!  
Salvaremos sua passagem na canoa de doze índios.  
Nascerá o sonho daqui a pouco,  
Filho de uma alma incansável.  
Não deseja trair a sua Fé,  
Quase se deita na arrogância.

Para nós, as vozes femininas destas águas, não há o que perder.  
A audição e o testemunho dos nossos olhos invisíveis aqui ficarão.

Aqui é o lugar da permanência.  
Aqui há pousada duradoura.  
Os sonhos aqui ficam.

O vento é bom e mau é o tempo. Precárias são as vontades.  
Certo o perigo. Oh! Roupeta Negra.  
Ouvimos os gemidos destes corpos de cobre que remam a cada  
novembro.  
Por tardio que seja,  
você passará e preparará o amanhã repleto de futuros.  
Sem crueza, venta.  
O mar de água doce é azul e claro. Claro, Claro e Claro.  
Mas, o sangue está aqui e ali.  
Ruína! Ruína para as almas.  
Ruína para o mundo.

Queremos que aconteça.  
Por séculos assistimos novembro,  
Evitando chamar a atenção,  
Vivendo o sonho,  
Clamando por ele em cada canoa.  
Houve opressão e luxúria.  
Houve aqui tiranias.  
Agora a colheita pode ser boa.  
Um ano de sonho,  
Um ano de penas.  
Vivendo!

Guardamos a passagem.  
Aguardamos as palavras,  
A riscar as águas.  
Vimos partos.  
Vimos mortes.  
Vários sumiram.  
Ressuscitem!  
Oh sonho!  
Novembro.  
Num lugar à parte. Estamos.  
Sem receio  
Ou medo,  
Nossos corações testemunham.  
Doces águas!  
Ali, já ele vem.

Não há paz. É possível paz.  
Ouvimos as remadas que não param.  
O ar está avisado.  
Palavras, roupeta negra.  
Palavras, um mais maior.  
Azul é o céu,  
A terra aos pés.  
Que odor é este?  
Luz verde nos rabiscos negros.  
A terra irá parir o filho!

Uma escrita.  
Nossos olhos vêem,  
O dorso daquela mão.

Pia o dia,  
sinal entre as árvores.  
Destranca o nosso coração (roupeta negra!),  
Destranca a porta destas matas e águas.  
Passou agora por aqui. Vamos espelhadas por outras partes.  
Mas só ficamos aqui.  
Nossa voz será longínqua como a chuva nos telhados. Arderemos aqui  
com a sua passagem, vagando no sonho que tem em cada novembro.

Quem nos dera sair daqui.  
Invadir a Europa. Caminhar no Oriente. Dobrar toda a América. Mas  
sempre e só novembros.  
Vá por nós! A morte tem cem mãos e anda em mil caminhos.  
Vá por nós! A morte prometeu embalá-lo quando chegar.  
Vá por nós! A morte se sentirá imprópria na alma que tem.  
Vá por nós! A morte lançará eternidade em letras.  
Vá por nós! A morte, a única, descansará por fim.

Vá por nós! Se aproxime e escute aquilo que não pode ouvir.  
Nós, vozes femininas, escutamos o chamado.  
Suba a escada dos dias de novembro. Sem degraus partidos,  
sente à mesa do profeta.  
Não temos sido felizes. Todos sabem. Somos mulheres.  
Sabemos como esperar.  
Sabemos.  
Sabemos.  
Sabemos novembro.

São o que são: vidas.  
Recolha e junte pedaços,  
Cate feixes quando a noite cair.  
Não é santo, jesuíta nosso.  
Todos sabem.  
Todos saberão!  
Esta terra não requer nenhum santo.  
Pecador foi e é.  
Mas a consciência é tombo,  
Para pensar e sonhar.

Deus sempre nos dá razão e uma única tarefa;  
Assistimos o terror sempre a voltar.  
O ruim melhora sucessivamente.  
Justiça de novembro.  
Os senhores do inferno estão aqui. Aqui! Ali! Lá!  
Enrosque-se. Ó roupeta negra!

Os pássaros não cantam mais. Apenas grita a escuridão deste rio.  
Que sinais pode haver num dia de novembro noturno. Só a morte:  
sem impulso, sem rebento, sem qualquer respiro.  
Longa e escura. O ar comprime a respiração e o vento amontoa.

Já dorme roupeta negra, em algum lugar acima das corredeiras.  
A paz neste mundo é incerta. A guerra contamina e a morte purifica.

O mundo precisa estar limpo.  
Que obra!

O tempo, breve.  
A espera, extensa.  
Sutis presságios.  
Ouvimos corujas de pleno meio-dia.  
Asas pairando, altas e grotescas.  
Morrerá, tentando.  
Criatura viva de novembro,  
Com gosto forte de mar.

Estendemos sobre a face destas águas o não sabia. O que está por vir? O  
tecido no tear do fado, urdido nas letras do Livro.

A luz e as trevas, dois andares do Mundo. Entre eles, as águas.  
Acima: aventureiros. No debaixo, os condenados.  
Em cima, há luz.  
Tapete negro da noite.

Sombras espessas estão lá.  
Tudo é recobrimento.  
A luz!  
Nós sabemos,  
Desliza nas trevas.  
Espelho das águas,  
No lugar dos olhos,  
Mergulho no escuro.  
Aqui,  
Rio é serpentina.  
Língua de fogo.

Entorpecidas as mãos, secas as lágrimas.  
Nós aqui a ver o horror maior.  
    Maior ainda.  
    Retorça a mão.  
    Estale a mente.  
O inferno vence, os humanos encolhem.  
    Dissolvidos em pó,  
    Poeiras do tempo.  
    Eis a face da morte.  
    Por trás, o Julgamento.  
    Esperamos,  
    Derradeiro dia!  
    Depois,  
    O Nada,  
    Vazio e ausente,  
    Separado Deus.  
    Oh roupeta negra!  
    Não desista.

O horror da jornada não pode ser a terra vazia.  
    Faça voltar aos homens, os espíritos.  
    Levante-se e brade.  
    Só restará a distração, a ilusão, o fingimento.  
Alma nenhuma se enganará, pois não haverá nem objetos, nem tons.

Enganar-se é ainda alguma coisa.  
    Mas se não há,  
    Nada.  
Chamemos a morte, antes que ela desista.  
    Temamos.  
    Temamos.  
    Valei-nos, Deus do medo.  
Tudo é pó e no pó tudo se finaliza.  
    Mas se caso tudo for pior?  
    Se a morte cansar,  
    Descansando por fim?  
    Faça-os acreditar.  
    Todos nos novembros.

No entardecer da terra, sopra o longo desejo de justiça.  
Amarelece a mente,  
O ar se espalha,  
Como sonho bom,  
Num sono mau.  
Lívida solidão, roupeta negra!  
Voam as folhas.  
Pousam as folhas.  
Expira à vontade.  
Novembros.  
Manhãs.  
Onde está?  
Neste rio?  
Longe.  
Somos o que somos.  
O que sonha,  
Até hoje somos.  
Amanhã, diremos  
Amanhã?  
Frio, o vento voltou.

Nós vozes femininas, nestas matas, a beira do Tapajós, louvamo-lo;  
roupeta negra!  
Criaturas deste mundo aparte, em novembros intermináveis, o vemos  
passar.  
Tudo só existe para quem as quer vê.  
Traçou rabiscos neste rio,  
Mal vê.  
Alheia, a mágoa desce,  
Erma de alguém,  
De algum outro mundo.  
Quem escuta?  
Não!  
A dor é um bem.  
Nós aqui,  
A vida a morrer.

Pássaros no ar.  
Vento de folhas.  
Verme das terras,  
Ventre temos.  
Vassoura à mão,  
Dorso curvado,  
Joelhos dobrados,  
vendo e assistindo.

Em vozes, fungamos você.  
Tudo está à procura.  
A Ignorância,  
Angústia  
E Terror.  
Alguém, silente alguém.  
Lábios são,  
Olhos ao céu.

Ficamos aqui, junto à margem deste rio.  
A espera é aqui. Aqui, aos pés do rio Tapajós.  
A passagem demora.  
Por aqui passou em novembros.  
Que perigo pode haver para nós?

Pobres vozes dessa sensação.  
Pobres sons femininos!  
Não somos familiares a ninguém.  
Só a ele.

Séculos se vão a novembros múltiplos,  
Séculos que ele passa por aqui.  
Ele sempre foi teimoso.  
Mas não seria bom se deixasse de vir.  
Ainda rege o sonho de profeta  
Cada gota de manhã destas terras.  
Em geral, o escutamos o tempo todo.  
Não nos deixe em paz,  
Oh! Roupeta negra, puída e suja.

Prometido, a mata abichou-se.  
Os índios, ariscos e cautelosos, desesperam por ti,  
No mundo de almas sem descanso.  
E você se inclina sobre as águas turvas,  
Espelho único daquela imensidão acima.  
Tudo é percebido por aqui.  
Tememos.  
Tememos o mundo que não é o nosso.  
Nossa estação é apenas uma:  
Manhãs de novembro.  
Nada secará nestas terras.  
Jardins impróprios estão aqui.  
Só um jardineiro de loucas vontades  
Poderia reinar.

Para nós, as vozes femininas destas águas, não há o que perder.  
A audição e o testemunho dos nossos olhos invisíveis aqui ficarão.

Entorpecidas as mãos, secas as lágrimas.  
Nós aqui a ver o horror maior.  
Maior ainda.  
Retorça a mão.  
Estale a mente.  
O inferno vence, os humanos encolhem.  
Dissolvidos em pó,  
Eis a face da morte.  
Por trás, o Julgamento.  
Esperamos,  
Derradeiro dia!  
Depois,  
O Nada,  
Vazio e ausente,  
Separado Deus.  
Oh roupeta negra!  
Não desista.

Temamos.  
Temamos.  
Valei-nos, Deus do medo.  
Tudo é pó e no pó tudo se finaliza.  
Mas se caso tudo for pior?  
Se a morte cansar,  
Descansando por fim?

Amarelece a mente,  
um ar se espalha,  
Como um sonho bom,  
Num sono mau.  
Lívida solidão, roupeta negra!  
Voam as folhas.  
Pousam as folhas.  
Expira à vontade.  
Novembros.  
Aqui,  
Aqui,  
Aqui.

---

<sup>i</sup> MARCUS ALEXANDRE MOTTA é escritor e professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atua no programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa e Literatura Comparada. É autor de *Desempenho da Leitura* - sete ensaios de literatura portuguesa (7Letras, 2004) e *Extratos de Ópio I: artisticidade da Arte Pessoa* (Dialogarts, 2009; OnLine); *Ensaio e Esparadrapos: cenas de leitura da Obra Fernando Pessoa* (Dialogarts, 2009 OnLine ); *Esta nova e nunca ouvida história de Antônio Vieira - O Livro Antepreimeiro e outros escritos* (Dialogarts, 2008 OnLine); tendo no prelo pela Um Editor [<http://umeditor.wordpress.com/>] os livros *Remos e Versões e Partidas e Abandonos*. Dedicar-se, principalmente, a duas linhas de pesquisa: Arte Contemporânea e discurso literário; e à questão de artisticidade na arte de Fernando Pessoa.